

A experiência antepredicativa em Edmund Husserl e sua recepção na filosofia de Edith Stein

RESUMO

A experiência antepredicativa foi descrita por Edmund Husserl para circunscrever a recepção passiva que constitui a vida da consciência. Segundo a descrição husserliana, essa é a região das afecções e da orientação primordial do ego imediatamente anterior a toda atividade explicativa racional. É esta região que fundamenta a formação de conhecimentos por meio de atos comparativos e explicativos (processos de sínteses ativas). Essas descrições da experiência antepredicativa husserliana podem ser encontradas em algumas partes de escritos de Edith Stein, especialmente em *Introdução à filosofia*, no manuscrito *Palavra, verdade, sentido e linguagem* e em *Ser finito e eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*. Embora Edith Stein não tenha tido acesso ao pensamento maduro de Husserl sobre esse tema presente na obra *Experiência e juízo* (1939), publicada postumamente por Ludwig Landgrebe, o acesso aos manuscritos husserlianos e às intuições do mestre já presentes em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* possibilitaram a incorporação da experiência antepredicativa husserliana em suas pesquisas.

Palavras-chave: Edmund Husserl; Edith Stein; Experiência antepredicativa.

ABSTRACT

Pre-predicative experience was described by Edmund Husserl to circumscribe the passive reception constituting consciousness' life. According to the Husserlian description, this is the region of affections and primordial ego orientation immediately previous to all rational activity. It is this region, which gives shape to knowledge through comparative and explicative acts (active synthesis processes). Descriptions of Husserlian pre-predicative experience can be found on a number of writings by Edith Stein, specially on *Introduction to Philosophy*, on the manuscript *Word, truth, meaning and language*, and on *Eternal and Finite Being: essay on*

* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); professor de filosofia e teologia na Faculdade Dehoniana, Taubaté/SP. E-mail: duduscj@yahoo.com.br

the ascension of the meaning of being. Although Edith Stein did not have access to a mature Husserlian thought on this theme, laid out on the work *Experience and judgment* (1939), published posthumously by Ludwig Landgrebe, the access to Husserl's manuscripts and the intuitions of the professor already present on *Lessons to a phenomenology of the internal consciousness of time* have enabled the incorporation of the Husserlian pre-predicative experience on her researches.

Keywords: Edmund Husserl; Edith Stein; Pre-predicative experience.

A experiência antepredicativa em Edmund Husserl

O tema da experiência antepredicativa foi inicialmente trabalhado por Edmund Husserl na obra *Lógica formal e transcendental* (HUSSERL, 1981), publicada em 1929, e posteriormente aprofundado na obra póstuma *Experiência e juízo* (HUSSERL, 1939), publicada em 1939¹. O pré-predicativo está relacionado à esfera da experiência receptiva (HUSSERL, 1939, p. 83) onde propriamente não se pode falar estritamente em objetualidades (HUSSERL, 1980a, p. 82)², as quais dependem de uma operação objetivadora do eu.

Com a descrição dessa experiência passiva, Husserl pretende indicar a existência de um substrato receptivo sobre o qual se edificam as demais operações da consciência assinaladas pela intencionalidade ativa: atividade explicativa e predicativa que consiste na constituição da lógica, das objetualidades e da linguagem.

A esfera antepredicativa se mostra constituída por uma passividade originária, na qual não há operação objetivadora do eu: o pré-dado é mantido em um fluxo unitário por meio da gênese associativa, que é o princípio de regularidade da esfera imanente: "O fenômeno da gênese associativa é o que domina esta esfera do pré-dado passivo, construindo-se por estratos sobre as sínteses da consciência interna do tempo." (HUSSERL, 1980a, p. 81)³.

Ao mesmo tempo, a esfera antepredicativa possui uma regularidade, constituindo-se como um campo ordenado, no qual o pré-dado aparece por contrastes (homogêneo-heterogêneo, afinidade-estranheza), por fusão, por semelhança, por repetição ou por movimentos primordiais da passividade como a negação, a dúvida e a possibilidade (HUSSERL, 1980a, p. 75-95)⁴, e pelas modalidades da apreensão antepredicativa: plural, todo, parte, dependência, independência, horizonte, relação, separação, sedimentação (HUSSERL, 1980a, p. 111-213)⁵. Esse campo de

¹ A experiência antepredicativa ainda aparece em *Meditações Cartesianas* e em *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* embora não tematizada em detalhes como nas obras indicadas.

² Cf. HUSSERL, 1939, p. 78-79.

³ "Das Phänomen der assoziativen Genesis ist es, das diese Sphäre der passiven Vorgegebenheit beherrscht, aufgestuft auf den Synthesen des inneren Zeitbewußtseins" (HUSSERL, 1939, p. 77).

⁴ Cf. HUSSERL, 1939, p. 73-94.

⁵ Cf. HUSSERL, 1939, p. 112-230.

proto-sensações, onde o pré-dado aparece ao ego transcendental, desencadeia nessa mesma subjetividade transcendental uma regularidade primordial de receptividade: vigília (estar desperto), afecção (atração), atenção (orientação), tendência (interesse), apreensão (entendida aqui como “percepção contempladora”, que é o nível mais primordial de objetivação). Esses elementos constituem a descrição da experiência passiva (receptividade) a partir da qual o pré-dado aparece (é enformado) como objeto intencional – estado de coisa (*Sachverhalt*) para uma consciência perceptiva, que é uma operação ativa (mas não voluntária) do eu (HUSSERL, 1980a, p. 86)⁶.

A descrição da receptividade, da experiência antepredicativa, é necessária porque assinala que a subjetividade transcendental “[...] admite e acolhe aquilo que o cerca.” (HUSSERL, 1980a, p. 86)⁷. O terreno da experiência antepredicativa oferece a condição de certeza (que garante um fundamento absoluto para o conhecimento) e assinala a presença de um crer primordial (HUSSERL, 1980a, p. 95)⁸ na vida da subjetividade transcendental.

A descrição constitutiva da consciência originária em Edith Stein e sua relação com a experiência antepredicativa

Na obra *Introdução à filosofia*, redigida entre 1918-1920, ao descrever os estratos da consciência, Edith reconhece e chama de consciência originária o ato de consciência vivido em primeira pessoa. Os múltiplos atos desse tipo permanecem unidos no fluxo de vivências de um sujeito psicofísico.

Edith Stein descreve a consciência originária como fundamento da atividade objetivadora do eu e do conhecimento porque é ela que possibilita a constituição de objetualidades (o percebido, o recordado, o fantasiado, o desejado etc.) e os demais atos reflexivos.

No vivenciar originário eu não tenho nenhum fator diferenciado, nenhuma igualdade, diferença ou semelhança com vivências anteriores, nenhuma “estrapolação” de uma essência comum e de um conhecimento como isto ou aquilo (como percepção, como gozo, como decisão etc.): tudo isso pressupõe a objetivação, a captação reflexiva. Porém, esta só pode nascer sobre o fundamento da consciência originária. (STEIN, 2005a, p. 781)⁹.

Mas na origem da consciência originária existe a presença de um “ser consciente de si mesmo” como um fluxo luminoso que garante a unidade de todo o

⁶ Cf. HUSSERL, 1939, p. 83.

⁷ “Das Ich läßt sich das Hereinkommende gefallen und nimmt es auf” (HUSSERL, 1939, p. 83).

⁸ Cf. HUSSERL, 1939, p. 94.

⁹ “Im ursprünglichen Erleben habe ich keinerlei abgehobene ‚Momente‘, keine Gleichheit, Verschiedenheit oder Ähnlichkeit mit früherem Erleben, keine ‚Entnahme‘ eines gemeinsamen Wesens und Erkenntnis als dies oder jenes (als Wahrnehmung, als Freude, als Entschluß usw.): all das setzt bereits Vergegenständlichung, reflektive Erfassung voraus. Diese aber kann sich nur auf dem Grunde des ursprünglichen Bewußtseins erheben” (STEIN, 2015, Parte II - A - 2 - § 1).

vivenciar originário e este “ser consciente de si mesmo” também se manifesta anterior aos atos de reflexão:

O ser consciente de si mesmo não se pode conceber como um ato de reflexão que tenha por objeto outro ato. Não é em absoluto um ato próprio, mas sim uma “luz interior” que ilumina a corrente do vivenciar, e que no fluir mesmo esclarece ao “eu vivenciante”, sem que este esteja dirigido para ele. (STEIN, 2005a, p. 781)¹⁰.

O “ser consciente de si mesmo” tem a experiência de um vivenciar passado, vivenciar presente e vivenciar futuro (STEIN, 2005a, p. 738-739)¹¹, ou seja, de um fluxo temporal constitutivo responsável por um modo de retenção ao interno da consciência originária, que não é propriamente um ato reflexivo, mas um contemplar apreensivo. A condição temporal do “ser consciente de si mesmo” garante que a consciência originária possua um vivenciar fluente e constante.

Essa consciência originária do vivenciar fluente, que pertence à consciência mesma, se conserva “ao modo de retenção”, inclusive depois de fluir, e torna possível reunir na unidade de uma vivência as fases que fluem continuamente; portanto, faz com que coincida a vivência, que na reflexão é objetiva, com o vivenciado originariamente, permite captá-lo como “o mesmo” e constatar eventualmente os desvios [...] (STEIN, 2005a, p. 781)¹².

Em sua dissertação doutoral (*O problema da empatia*, 1916), Edith descreve que a consciência originária e suas vivências possuem um transfundo passivo, que é anterior às escolhas ou condicionamentos. A condição desse fundo do qual emerge a consciência originária é marcado por uma condição de receptividade:

Aquele ato da vontade que ficou sem ser realizado não submergiu na corrente do passado [...] Somente passou do modo de atualidade ao de inatualidade, de atividade ao de passividade. Pertence a essência da consciência que em cada momento do vivenciar, o *cogito*, o ato no qual vive o eu, está circundado por um séquito de vivências de transfundo, de inatualidades que já não são *cogito* e, por isso, tampouco acessíveis à reflexão, senão que requerem primeiro passar a forma de *cogito* (que elas podem adotar em todo momento) para serem apreendidas. (STEIN, 2005b, p. 155)¹³.

¹⁰ “Mit dem Sein-selbst-bewußt-sein kann also kein Akt der Reflexion gemeint sein, der einen anderen Akt zum Gegenstand hat. Es ist überhaupt kein eigener Akt, sondern ein ‚inneres Licht‘, das den Fluß des Erlebens durchleuchtet und im Abfließen selbst für das erlebende Ich erhellt, ohne daß es darauf ‚gerichtet‘ wäre” (STEIN, 2015, Parte II - A - 2 - § 1).

¹¹ Cf. STEIN, 2015, Parte I - C - 4.

¹² “Dieses ursprüngliche Bewußtsein vom ablaufenden Erleben, das ihm selbst zugehört, bleibt auch nach dem Ablauf ‚retentional‘ erhalten und ermöglicht es, die kontinuierlich abfließenden ‚Phasen‘ zur Einheit eines ‚Erlebnisses‘ zusammenzufassen und sodann das Erlebnis, das in der Reflexion gegenständlich wird, mit dem ursprünglich erlebten zur Deckung zu bringen, es als ‚dasselbe‘ zu erfassen und eventuell Abweichungen festzustellen. [...]” (STEIN, 2015, Parte II - A - 2 - § 1).

¹³ “Jener Willensakt, der lange Zeit unerfüllt blieb, ist nicht in dieser Zeit ‚in Vergessenheit‘ geraten, in den Strom des Vergangenen zurückgesunken. Er ist nur aus dem Modus der Aktualität in den der Inaktualität übergegangen, aus der Aktivität in die Passivität. Es gehört zum Wesen des Bewußtseins, daß in jedem Moment des Erlebens das *cogito*, der Akt, in dem das Ich lebt, umgeben ist von einem Hof von Hintergrunder-

Estes mesmos perfis descritos por Edith pertencentes à consciência originária estão presentes em Husserl quando ele descreve a experiência antepredicativa como vimos anteriormente. Semelhante a Edith Stein, Husserl indica que a passividade é o que caracteriza essencialmente esse primeiro estrato da vida da consciência e que atos objetificantes têm aí sua origem:

Existe uma passividade originária não somente de dados sensíveis ou “dados de sentido”, mas também de sentimento e, em contraste com isso, não existe somente uma orientação objetivadora ativa, como sucede na percepção, mas também no valorar e no experimentar prazer, existem também análogos da evidência e, portanto, também da percepção, como é o dar-se por si originário de valores, fins etc. (HUSSERL, 1980a, p. 77) ¹⁴.

Portanto, encontramos indícios da recepção da experiência antepredicativa husserliana de um modo muito particular por Edith Stein quando a filósofa descreve a constituição da consciência originária por meio da presença de um “ser consciente de si mesmo”, de um fluxo temporal e de passividade como realidades anteriores aos atos reflexivos e como um transfundo que sustenta e do qual emerge uma consciência originária.

Essa proximidade entre as descrições de Edith Stein e de Husserl revelam que a filósofa parece aceitar a descrição husserliana de uma esfera primordial sobre a qual se ergue e emerge a inteira vida da consciência, porém, ela não a tematizou em detalhes como o mestre e também nunca utilizou o mesmo termo técnico husserliano “antepredicativo”.

A experiência receptiva nos textos de Husserl e Edith Stein: percepção, constituição das objetualidades e linguagem

Edmund Husserl e Edith Stein concordam quanto à existência de uma experiência receptiva passiva na vida da consciência e que os demais estratos constitutivos superiores possuem nessa região e nessa experiência seu fundamento. Quando avançamos para as descrições feitas por Husserl e Edith sobre outros temas filosóficos como, por exemplo, a percepção, a constituição das objetualidades, a linguagem, podemos rastrear nessas descrições a presença desses conteúdos de experiência antepredicativa.

Nas descrições de Edith Stein sobre o tema da percepção, essa operação é indicada como uma atividade objetivadora do eu (segundo estrato) que precisa de um “algo” já constituído a ser visado. Em contrapartida, a filósofa afirma que antes dos atos perceptivos existem as sensações que afetam a consciência originária e

lebnissen, von Inaktualitäten, die nicht mehr oder noch nicht cogito und darum auch nicht der Reflexion zugänglich sind, sondern erst des Durchgangs durch die Form des cogito (die sie jederzeit annehmen können) bedürfen, um erfaßt zu werden.” (STEIN, 2016, Parte III - § 5 - k).

¹⁴ “Es gibt also nicht nur eine ursprüngliche Passivität sinnlicher Gegebenheiten, von ‚Sinnesdaten‘, sondern auch des Fühlens, und im Gegensatz dazu nicht nur eine objektivierende aktive Zuwendung, wie etwa in der Wahrnehmung, sondern auch eine solche im Werten, im Gefallen; und auch da gibt es Analoga der Evidenz, also auch der Wahrnehmung, als ursprünglicher Selbstgebung von Werten, von Zwecken usw.” (HUSSERL, 1939, p. 73-74).

estas se manifestam por meio de uma recepção passiva. A descrição husserliana descreve também que no ato perceptivo há a existência de um campo de pré-dados que solicita a atividade perceptiva. Tanto para Edith quanto para Husserl, a percepção é uma atividade do eu que é possível por causa de um fundo de afecções e estímulos anteriores:

Na percepção, como em todos os atos nos quais se capta algo, o eu se dirige a um objeto separado dele (designamos esse fator como intencionalidade da vivência). Na sensação não há nenhuma intencionalidade dessa índole; o sujeito se vê “afetado” em uma forma caracteristicamente surda e passiva [...] o dado da sensação não pode se assemelhar com o objeto da percepção. (STEIN, 2005, p. 737)¹⁵.

O perceber, a orientação perceptiva aos objetos particulares, sua contemplação e explicação, já constitui um labor ativo do eu. Também pressupõe que já nos está pré-dado algo ao qual podemos nos dirigir na percepção. E não somente estão pré-dados objetos individuais isolados em si: sempre existe um campo do pré-dado do qual se destaca algo individual e que, por assim dizer, “estimula” a percepção, a percepção contemplativa. (HUSSERL, 1980a, p. 78)¹⁶.

O tema da constituição dos objetualidades intencionais constitui outro terreno onde se podem verificar índices de experiência receptiva tanto em Husserl quanto em Edith. Na *Sexta Investigação Lógica*, Husserl esclarece que a constituição das objetualidades acontece por meio de uma intuição sensível (percepção sensível:

um objeto imediatamente dado [...] percebido com tal conteúdo objetual determinado, ele não se constitui nos atos relacionantes ou que ligam ou articulam de alguma outra maneira, atos que são fundados em outros atos [...]. Os objetos sensíveis estão aí num único grau de ato (HUSSERL, 1980b, p. 111)¹⁷

e por meio de uma intuição categorial (percepção categorial: exemplos de objetos categoriais são os “conjuntos, pluralidades indeterminadas, totalidades, números, formas disjuntivas, predicados, estados de coisas [...]”¹⁸ (HUSSERL, 1980b, p. 109).

¹⁵ “In der Wahrnehmung wie in allen Akten, in denen etwas erfaßt wird, richtet sich das Ich auf ein von ihm abgesondertes Objekt (wir bezeichnen dieses Moment als die Intentionalität des Erlebnisses); in der Empfindung liegt keine Intentionalität dieser Art vor, das Subjekt wird in einer eigentümlich dumpfen und passiven Weise ‚betroffen‘. [...] das Empfindungsdatum nicht dem Objekt der Wahrnehmung an die Seite zu stellen” (STEIN, 2015, Parte I - C - 4).

¹⁶ “Das Wahrnehmen, die wahrnehmende Zuwendung zu einzelnen Gegenständen, ihre Betrachtung und Explikation, ist bereits eine aktive Leistung des Ich. Als solche setzt sie voraus, daß uns schon etwas vorgegeben ist, dem wir uns in der Wahrnehmung zuwenden können. Und vorgegeben sind nicht bloß einzelne Objekte, isoliert für sich, sondern es ist immer ein Feld der Vorgegebenheit, aus dem sich einzelnes heraushebt und sozusagen zur Wahrnehmung, zur wahrnehmenden Betrachtung ‚reizt‘” (HUSSERL, 1939, p. 74).

¹⁷ “[...] der Gegenstand ist auch in dem Sinne unmittelbar gegebener Gegenstand, daß er, als dieser mit diesem bestimmten gegenständlichen Inhalt wahrgenommene, sich nicht in beziehende; verküpfenden und sonstwie gliederten Akten konstituiert, die in anderen, anderweitige Gegenstände zur Wahrnehmung bringenden Akten *fundiert* sind” (HUSSERL, 1921, p. 146).

¹⁸ “[...] Inhegriffe, unbestimmte Vielheiten, Allheiten, Änzahlen, Disjunktiva, Prädikate (*das Gerech-sein*), Sachverhalte [...]” (HUSSERL, 1921, p. 143).

Encontramos em Edith Stein, ao fim da primeira parte da obra *Introdução à filosofia*, uma descrição muito particular também desse tema da constituição das objetualidades. No nível mais superior, a atividade reflexiva opera com objetos que lhe foram dados e com os quais pode realizar arranjos, deduzir conceitos etc. Em um nível mediano, a atividade objetivadora do eu, que se dá pela intuição sensível ou intuição categorial, constitui essas objetualidades por meio de uma dinâmica de “visar” e ser “visado”. A particularidade de Edith está em perceber que esses dois primeiros níveis estão relacionados com aquilo que ela chama de “racionalidade” porque são marcados por uma operação ativa da consciência que possibilita os atos cognitivos. Contudo, para a filósofa, a intuição sensível e intuição categorial como condição constitutiva de toda consciência não estão submetidas às leis da reflexão, mas seguem uma lei interna própria. Para Edith Stein a característica dessa lei é a irracionalidade, que não significa “contrário ou sem razão”, mas, sim, a existência de legalidade anterior que possibilita a atividade racional. A característica dessa legalidade irracional é a experiência de crer (STEIN, 2005, p. 752)¹⁹ como uma aceitação passiva e confiante daquilo que se doa (uma certeza de evidência como a lei primordial da consciência).

A racionalidade consiste na ordenação da matéria nas formas universais e o conhecimento consiste na penetração e no descobrimento dessa constituição por meio da razão. Porém, as formas mesmas, as categorias, que tornam possível o conhecimento e seus objetos, não são penetráveis ulteriormente [...] A “intuição categorial”, o captar as formas últimas do ser, tem, com a intuição sensível, o caráter de irracional. E dessa maneira chegamos ao resultado de que o irracional pertence conjuntamente às condições que tornam possível o conhecimento como tal, conduzem a entender, paradoxalmente, que toda racionalidade está fundada na irracionalidade. (STEIN, 2005, p. 772)²⁰.

Este terreno universal de crença no mundo está pressuposto por toda práxis, tanto pela práxis da vida como pela práxis teórica do conhecimento. [...] Consciência do mundo é consciência no modo de certeza de crer e não algo adquirido mediante um ato de assentir ao ser que se apresenta no contexto da vida, um ato de apreensão como existente ou talvez de um juízo existencial predicativo. (HUSSERL, 1980a, p. 31)²¹.

¹⁹ Cf. STEIN, 2015, Parte I - C - 6.

²⁰ “Die Rationalität besteht in der Einordnung des Stoffes in die allgemeinen Formen, und die Erkenntnis in der Durchdringung oder Aufdeckung dieses Aufbaus durch die Vernunft. Die ‚Formen‘ selbst aber, die Kategorien, die die Erkenntnis und ihre Gegenstände möglich machen, sind selbst nicht weiter zu durchdringen, sondern müssen ebenso wie der Stoff einfach hingenommen werden. Die ‚kategoriale Anschauung‘, das Erfassen der letzten Seinsformen, hat ebenso wie die sinnliche Anschauung den Charakter des Irrationalen. Und so kommen wir zu dem Ergebnis, daß das Irrationale mit zu den Bedingungen gehört, die Erkenntnis möglich machen – paradox ausgedrückt: zu der Einsicht, daß alle Rationalität in Irrationalität gegründet ist” (STEIN, 2015, Parte I - C - 16).

²¹ “Dieser universale Boden des Weltglaubens ist es, den jede Praxis voraussetzt, sowohl die Praxis des Lebens als auch die theoretische Praxis des Erkennens. [...] Bewußtsein im Modus der Glaubensgewißheit, nicht durch einen im Lebenszusammenhang eigens auftretenden Akt der Seinssetzung, der Erfassung als daseiend oder gar des prädikativen Existenzialurteils erworben” (HUSSERL, 1939, p. 25).

Segundo os críticos Beckmann-Zöller e Sepp (2014a, p. XLVI-L), encontramos no manuscrito steiniano *Palavra, verdade, sentido e linguagem* redigido em torno de 1922, fragmentos que parecem indicar uma investigação fenomenológico-ontológica sobre a origem da palavra e da linguagem.

Daqui em diante deixa-se aclarar ainda mais o que estava aludido gráfica e vagamente na primeira descrição sobre o nascimento da palavra. “Surge luz ante meu olho espiritual e no clarão desta luz sobrevém a mim uma verdade”. A “verdade”, que sobrevém ante mim, não é um ato espiritual, nem uma esfera espiritual. Ela coloca-se na minha esfera e coloca-se ante e para mim ali, ela não é o espírito mesmo, mas sim algo, que o espírito poderá pegar, aproximar [...] é somente na luz possível, e nela vem o impulso para o repouso (quietude). Para um repouso, que não se põe em contraste com o movimento; não o descanso da morte, mas sim da vida mais intensa, movimento cósmico em contraste ao caótico. (STEIN, 2007a, p. 133-134)²².

Nas descrições da filósofa, identificamos alguns elementos que nos permitem traçar um paralelo com as noções husserianas relativas à região antepredicativa: a distinção steiniana entre luz, clarão e verdade parece remeter ao trinômio husserliano daquilo que afeta, daquilo que é apreendido contemplativamente e daquilo que é retido. Edith Stein reforça que esses três momentos não são frutos de uma atividade espiritual (propriamente ativa) porque essa atividade está em repouso, ou seja, trata-se de uma experiência de receptividade, sem a realização de sínteses. Ao mesmo tempo, aquilo que é experienciado nessa esfera originária não está envolto em um caos de sensações de modo que a atividade espiritual precisasse aparecer como ordenadora; pelo contrário: o fundo sobre o qual a vida da consciência e todos os conhecimentos se erguem segue uma ordem primordial.

O objetivo de Edith Stein com essas descrições sobre a verdade parece ter o objetivo de querer oferecer um fundamento receptivo para o surgimento de um estado de coisas (verdade enformada cognoscível). Para a filósofa, o estado de coisas é o que possibilita o aparecimento da palavra e da linguagem: a primeira seria um “afundamento” (uma “forma fixa” lógica, categorial e vazia) e a segunda os diversos modos de preenchimento que essa forma pode ir recebendo nas esferas superiores em vista de expressar um estado de coisas constituído.

Em suas investigações sobre a experiência receptiva, Husserl também descreve a existência de estruturação pré-linguística e linguística - o pré-linguístico tem como fio condutor a experiência antepredicativa e a linguística tem como fio condutor a experiência de significação (HUSSERL, 1980a, p. 224)²³. Para o filósofo existe um estrato mais superior (a linguagem enquanto expressão comunicativa em sons e signos do conhecido), um estrato intermediário (predicação, proposição,

²² “Von hier aus läßt sich noch manches andere aufhellen, was bei der ersten Schilderung der Geburt des Wortes bildhaft und vag angedeutet war.»Es wird Licht vor meinem geistigen Auge, und im Schein dieses Lichts geht mir eine Wahrheit auf«. Die »Wahrheit«, die vor mir aufgeht, ist weder ein geistiger Akt, noch eine geistige Sphäre. Sie tritt in meine Sphäre ein und stellt sich vor mich hin, sie ist nicht selbst Geist, sondern etwas, was vom Geist gefaßt werden kann, näher [...] ist nur im Licht möglich, und in ihr kommt das Drängen zur Ruhe. Zu einer Ruhe, die nicht im Gegensatz steht zur Bewegung; nicht Ruhe des Todes, sondern des intensivsten Lebens, kosmische Bewegung im Gegensatz zur chaotischen” (STEIN, 2014b, p. 73).

²³ Cf. HUSSERL, 1939, p. 240.

juízo e todas as potencialidades de expressão do conhecido) e um estrato inferior como um fundo gerador do qual emerge o estado de coisas como algo não elaborado por atividade espiritual.

As proposições são a expressão dos estados de coisas existentes e nelas está enraizado seu fundamento de ser. Por sua parte, os estados de coisas não estão fundados em si mesmos, mas tem seu ser nos “objetos” (em um sentido particular da palavra). A cada objeto pertence um campo de estados de coisas, nos quais se articulam sua estruturação interna e as relações nas quais se encontram em virtude de sua posição em relação com o ente. Ademais, a cada estado de coisas pertence um conjunto de proposições nas quais pode encontrar sua expressão. (O fato de existir uma diversidade de possibilidades de expressão para o mesmo estado de coisas se deve à riqueza de significado de cada elemento desse estado de coisas). Os estados de coisas com sua estrutura estão relacionados com o conhecimento possível do espírito que vai pouco a pouco adiante. Sem dúvida, não se pode entender que os estados de coisas são engendrados pelo espírito cognoscente, mas que eles lhe prescrevem a regra a seguir. Nos estados de coisas, as proposições já estão fundadas enquanto possibilidades de expressão, de maneira que existam antes que um espírito humano as tenha pensado e antes que tenham sido formadas na “matéria” de uma linguagem humana, em sons ou signos gráficos. (STEIN, 2007b, p. 627)²⁴.

Portanto, Edith Stein direciona a origem da palavra e da linguagem para a mesma região indicada por Husserl de modo que a experiência antepredicativa acaba por ser também fundamento do conhecimento e de sua expressão.

Com esse percurso de rastreamento da presença de conteúdos de experiência antepredicativa e sua confirmação ao interno dos textos de Husserl e Edith Stein que tratam da percepção, da constituição das objetualidades e da linguagem, podemos constar que experiência receptiva descrita por Husserl é acolhida por Edith, embora a filósofa não nomeie essa região primordial ou descreva os seus perfis constitutivos como fez o mestre em seus estudos sobre a experiência antepredicativa.

O acesso de Edith Stein ao pensamento husserliano sobre a experiência antepredicativa

A partir dos resultados obtidos no item 2, deparamo-nos com um problema: quando confrontamos as datas em que os textos de Husserl e Edith Stein foram redi-

²⁴ “Sätze sind Ausdruck bestehender Sachverhalte und haben in ihnen ihre Seinsgrundlage. Die Sachverhalte wiederum sind nicht in sich selbst begründet, sondern haben ihre Seinsgrundlage in ‚Gegenständen‘ (in einem besonderen Sinne des Wortes). Jedem Gegenstand gehört ein Bereich von Sachverhalten zu, in denen sich sein innerer Aufbau und die Beziehungen, in denen er vermöge seinem Standort im Zusammenhang des Seienden sich befindet, auseinanderlegen. Jedem Sachverhalt wiederum gehört ein Bereich von Sätzen zu, in denen er Ausdruck finden kann. (Daß es für denselben Sachverhalt eine Mannigfaltigkeit von Ausdrucksmöglichkeiten gibt, das liegt an der Sinnfülle der einzelnen Sachverhaltsglieder.) Schon die Sachverhalte sind mit ihrer Gliederung bezogen auf die mögliche Erkenntnis schrittweise vorgehender Geister. Das ist aber nicht so zu verstehen, als würden sie vom erkennenden Geist ‚erzeugt‘: vielmehr schreiben sie ihm die Regel seines Verfahrens vor. In den Sachverhalten sind auch die Sätze als Ausdrucksmöglichkeiten schon begründet, und in dieser Weise ‚gibt es‘ sie, ehe sie von einem Menscheng Geist gedacht und in den ‚Stoff‘ einer menschlichen Sprache, in Laute oder Schriftzeichen, hineingeformt werden” (STEIN, 2016, Parte I - § 4).

gidos, parece difícil explicar o porquê já encontramos nos escritos de Edith Stein a partir de 1916 algumas indicações sobre a temática da experiência antepredicativa, dado que as obras de Husserl que tratam especificamente do tema *Lógica formal e transcendental* foi publicada em 1929 e *Experiência e juízo* apenas em 1939.

Encontramos uma possível resposta para esse problema quando procuramos em textos husserlianos anteriores às obras *Lógica formal e transcendental* e *Experiência e juízo* vestígios daquilo que mais tarde o filósofo ordenou descritivamente como a experiência antepredicativa.

Dentre as obras de Husserl publicadas até 1918 praticamente não existem remissões diretas relativas a uma descrição da passividade-receptividade porque esse tema começa a aparecer apenas quando o pensador direciona a sua análise para o problema do tempo.

Os estudos de Husserl sobre o tempo estão concentrados nos *Manuscritos de Bernau*, nos *Manuscritos C* e em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Edith Stein não teve acesso aos dois primeiros, mas o terceiro foi justamente um dos trabalhos confiados a ela por Husserl, no período em que foi sua assistente, para a decodificação da taquigrafia, ordenação dos textos e respectiva estruturação de modo que pudessem ser reunidos e publicados como uma única obra (os manuscritos remontam ao período de 1903 a 1917). Ainda que a filósofa tenha realizado o trabalho completo, a publicação final da obra aconteceu apenas em 1928 sob os cuidados de Martin Heidegger.

Embora Husserl tenha confidenciado a Roman Ingarden que as descrições sobre o tempo presentes na obra *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, quando comparadas àquelas presentes nos *Manuscritos de Bernau* e nos *Manuscritos C*, eram ainda muito prematuras e propedêuticas, ali já encontramos informações sobre a região primordial e pré-fenomenal que oferece o pré-dado, mas que não é constituída pelos atos intencionais (aqui, Husserl ainda não usa o termo antepredicativo). Ao descrever a existência de uma região primordial, da qual procede o fluxo absoluto do tempo como retenção, protensão e impressão, Husserl destaca um estrato da consciência, anterior às experiências de presente do passado, presente do futuro e presente do presente, que são objetivações temporais intencionais. Nesses escritos, portanto, é possível encontrar indícios daquilo que mais tarde ele chamará de esfera da consciência antepredicativa.

Vejamos alguns recortes textuais presentes em *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, conhecidos por Edith Stein, que exemplificam nossas afirmações: “A temporalidade pré-fenomenal, pré-imanente, constituiu-se intencionalmente como forma da consciência constituinte do tempo, e em si mesma.” (HUSSERL, 1994, p. 107)²⁵.

A consciência nada é sem impressão. Aí onde qualquer coisa dura, aí α passa para $x\alpha'$, $x\alpha'$ para $yx'\alpha''$ etc. Mas a produção da consciência vai apenas de α para α' , $x\alpha'$ para $x'\alpha''$, ao contrário, α , x e y não são produzidos pela consciência; eles são o protoproduzido, o ‘novo’, o formado de um modo estranho à consciência, o recebido em oposição ao produzido pela espontaneidade própria da consciência. Mas a peculiaridade dessa

²⁵ “Diefe präphänomenale, präimmanente Zeitlichkeit konstituiert sich intentional als Form des zeitkonstituierenden Bewußtseins und in ihm felbt” (HUSSERL, 1928, p. 70).

espontaneidade da consciência é o fato de que ela não cria nada “novo”, mas apenas leva o protoproduzido a crescer, a desenvolver-se. (HUSSERL, 1994, p. 124)²⁶.

Deve, por conseguinte, distinguir-se o ser pré-fenomenal das vivências, o seu ser antes do voltar-se reflexivo para elas, e o seu ser como fenômeno. (HUSSERL, 1994, p. 155)²⁷.

Provavelmente, foi por meio do trabalho com os textos desse manuscrito de Husserl que Edith Stein teve acesso à descrição da esfera da experiência receptiva. Isso também pode explicar o motivo pelo qual ela emprega a mesma descrição em seus textos, não usando o termo técnico “antepredicativo”, que só aparecerá em obras posteriores do mestre.

A análise dos textos de Edith Stein quando confrontada com o que expusimos sobre a experiência antepredicativa em Husserl, indica que entre os filósofos existe concordância quanto à existência de tal experiência. Ambos sinalizam a existência de um modo de operação da consciência anterior à constituição dos estados de coisas e o descrevem de modo muito semelhante: passividade, afecção, recepção etc. A recorrente descrição e remissão para esse fundo primordial confirma a tese de que para ambos os filósofos a experiência da passividade circunscreve os limites entre os conteúdos hiléticos e da subjetividade transcendental.

A semelhança entre as descrições de Husserl sobre a experiência antepredicativa com aquelas feitas por Edith Stein sobre a consciência originária, especialmente quando se pode verificar que ao estudar mesmos temas ambos os filósofos remetem para região porque concordam ser ela o fundamento, confirma também nossa tese de que a filósofa acolhe a proposta de Husserl em suas investigações filosóficas, ainda que não a tenha tematizado com tanta profundidade como o seu mestre e usado o mesmo termo técnico husserliano.

Referências bibliográficas

BECKMANN-ZÖLLER, B.; SEPP, H. R.. Einerführung der Bearbeiter. In: STEIN, E. *“Freiheit und Gnade” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2014a (Edith Stein Gesamtausgabe 9).

HUSSERL, E. *Erfahrung und Urteil: untersuchungen zur Genealogie der Logik*. Prag: Akademie Verlagsbuchhandlung, 1939.

_____. *Experiencia y juicio: investigaciones acerca de la genealogia de la lógica*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1980a.

²⁶ “Bewußtsein ist nichts ohne Impreffion. Wo etwas dauert, da geht a über in xa' , xa' in $yx' a'$ “ ufw. Die Erzeugung des Bewußtseins aber geht nur von a zu a' , von xa' zu $x' a'$ “; dagegen das a , x , y ist nichts Bewußtseins-Erzeugtes, es ist das Urgezeugte, das ‚Neue‘, das bewußtseinsfremd Gewordene, Empfangene, gegenüber dem durch eigene Bewußtseinspontaneität Erzeugten. Die Eigentümlichkeit dieser Bewußtseinspontaneität aber ist, daß sie nur Urgezeugtes zum Wachstum, zur Entfaltung bringt, aber nichts ‚Neues‘ schafft“ (HUSSERL, 1928, p. 85).

²⁷ “Es ist also zu scheiden: das präphänomenale Sein der Erlebnisse, ihr Sein vor der reflektiven Zuwendung auf sie, und ihr Sein als phänomen“ (HUSSERL, 1928, p. 118).

_____. *Formale und transzendente Logik: Versuch einer Kritik der logischen Vernunft*. Tübingen: Niemeyer, 1981.

_____. *Investigações lógicas – sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. São Paulo: Abril Cultural, 1980b.

_____. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da casa da Moeda, 1994.

_____. *Logische Untersuchungen - elemente einer Phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis: II. Teil*. Halle: M. Niemeyer, 1921.

_____. *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1928.

STEIN, E. *Einführung in die Philosophie*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2015 (Edith Stein Gesamtausgabe 8).

_____. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2016 (Edith Stein Gesamtausgabe 11/12).

_____. Introdução a la Filosofía. In: _____. *Obras completas II – Escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)*. Vitória: El Carmen; Madrid: Editorial de espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005a.

_____. Ser finito y ser eterno – ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: _____. *Obras completas III – Escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano: 1921-1936)*. Vitória: El Carmen; Madrid: Editorial de espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007b.

_____. Sobre el problema de la empatía. In: _____. *Obras completas II – Escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)*. Vitória: El Carmen; Madrid: Editorial de espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2005b.

_____. Verdad - Espíritu - Palabra. In: _____. *Obras completas III – escritos filosóficos (etapa de pensamiento cristiano)*. Vitória: El Carmen; Madrid: Editorial de espiritualidad; Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2007a.

_____. Wort, Wahrheit, Sinn und Sprache. Fragment (ca. 1922). In: _____. *“Freiheit und Gnade” und weitere Beiträge zu Phänomenologie und Ontologie*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2014b, p. 73 (Edith Stein Gesamtausgabe 9).

_____. *Zum Problem der Einfühlung*. Freiburg im Breisgau: Herder, 2016 (Edith Stein Gesamtausgabe 5).